



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Entrevista ao Jornalista Paulo Henrique Amorim, da Rede Globo de Televisão, em 25 de Setembro de 1990

Jornalista: Presidente, o que o senhor espera do encontro de domingo com o Presidente Bush? E se o Presidente Bush, por exemplo, pedir para que o Brasil se envolva militarmente no bloqueio ao Iraque e, por exemplo, que o Brasil mande um navio de guerra para o Golfo, o que o senhor diria?

Presidente: Primeiro, eu diria que absolutamente não. Segundo, eu tenho certeza de que o Presidente Bush, conhecendo o novo Governo brasileiro e conhecendo a mim como ele conhece, jamais faria uma solicitação como essa.

Jornalista: Quando essa crise toda no Golfo Pérsico acabar — e o País não vai acabar, o Iraque não vai acabar, o mundo vai continuar de pé —, o Brasil vai continuar tendo relações comerciais, envolvendo armas, tão estreitas quanto tinha com o Iraque no passado?

Presidente: É importante que nós possamos diferenciar a relação do Brasil com o Iraque. Havia a relação formal, que é aquela transparente, que é aquela que aparece; e a informal,

que é aquela quase que clandestina. Quando dizem que o Brasil, por exemplo, armou o Iraque, isso não é verdade. Se nós pegarmos a relação dos armamentos de que o Iraque dispõe, nós verificaremos que apenas zero, zero ponto alguma coisa por cento representa material brasileiro.

Jornalista: Mas, Presidente, há suspeita de que um oficial aposentado das Forças Armadas brasileiras participou de projetos sensíveis do Iraque, com a suspeita até de que ele tenha ajudado a construir uma possível bomba atômica do Iraque.

Presidente: Veja bem, nessa questão da exportação de material de defesa foi tudo feito às claras, de uma forma transparente, de uma forma nítida, e o Brasil naturalmente se sente, de alguma forma, recompensado pelo fato de sua tecnologia ser competitiva em outros mercados como o mercado do Iraque. Agora, é importante que nós saibamos o seguinte: quem armou o Iraque não fomos nós, quem vendeu aviões supercaças, bombardeiros, mísseis, armas químicas, não foi o Brasil. Foi o mundo desenvolvido que armou o Iraque. Essas são as nossas relações formais. As informais, como a que você acaba de se referir do ex-brigadeiro Piva, que já deixou a Aeronáutica, são feitas por uma firma absolutamente legal, dentro das leis brasileiras. Mas é lamentável que isso ocorra. E é por isso, também, que encaminharei ao Congresso Nacional um projeto de lei para criar certos embargos para funcionários públicos que, tendo tido acesso a informações privilegiadas no decorrer da sua atividade de Estado, possam, depois de sair dessa função, ser impedidos de prestar serviço a qualquer uma organização privada, sobretudo estrangeira. Eu acho que essa lei precisa ser implementada para que sirva de uma salvaguarda aos interesses nacionais.

Dívida Externa

Jornalista: As relações entre o Brasil e os Estados Unidos parecem que nunca foram tão boas como no seu governo. Porém, o

problema mais importante nas nossas relações com os Estados Unidos é exatamente a questão da dívida externa. O senhor está satisfeito com o que o governo americano tem feito em relação a dívida externa do Brasil?

Presidente: O Presidente norte-americano vem dando sinais muito positivos de que o seu governo entende o reescalonamento como necessário para a questão da dívida. Seja pela redução de juros, seja pela redução do principal — o que não conta com a simpatia dos bancos privados credores —, seja pelo estabelecimento de novos mecanismos de financiamento para essas economias; enfim, ele vem tendo uma posição positiva e construtiva no que diz respeito a questão da dívida.

Jornalista: *Existe alguma possibilidade de o Brasil ainda este ano pagar alguma coisa aos bancos? Aí eu faria uma segunda pergunta: é possível o País entrar para o Primeiro Mundo, como é a sua obstinada preocupação, e mesmo assim resistir tanto a pagar a dívida como o Brasil está pagando? Por que o Brasil não faz como o México, por exemplo?*

Presidente: O que nós estamos fazendo é negociar a dívida. Há de um lado aquele que emprestou e que quer receber. Quer receber cobrando um juro mais alto possível num prazo mais curto possível. Do outro lado está quem deve e deseja pagar o juro mais baixo possível, no prazo o mais elástico possível. O que o Brasil precisa é defender os interesses nacionais. Ou seja, nós não podemos pagar a dívida externa para depois crescermos. Ou seja, não se trata de saber o quanto nós iremos crescer depois de pagar a dívida, mas sim de quanto nós poderemos pagar depois de garantido o nosso crescimento econômico.

Jornalista: *Devo deduzir por essa sua explicação que vai ser muito difícil os banqueiros privados verem um tostão do Brasil esse ano?*

Presidente: Será uma negociação muito estimulante. Eu acredito que todos nós teremos muito a ganhar em experiência, em conhecimento dos mecanismos, de como caminha esse sistema financeiro internacional. Eu acho que teremos experiências muito positivas nesse campo.

Nova Geração

Jornalista: Na sua conversa ontem no New York Times, o senhor se referiu várias vezes ao fato de ser um homem de outra geração. Quais são as conseqüências políticas de um homem de 41 anos, de outra geração, vir a Nova Iorque e depositar uma rosa na placa em homenagem ao John Lennon no Central Park? Qual é a leitura política disso? Por que isso é importante do ponto de vista político?

Presidente: A nossa geração inaugura no Brasil uma nova forma de convivência com o poder. Antigamente o poder era exercido como uma forma de fortalecimento do Estado e esquecia-se do cidadão, da sociedade. A nossa geração entende que o poder deve ser exercido como uma forma de fortalecer a cidadania e não o Estado. Por isso, disse no *New York Times* que muito mais do que a mudança de um presidente, o que houve no Brasil foi uma mudança de geração, uma mudança de enfoque, uma mudança de postura, uma mudança de entendimento do que seja o mundo. Quer dizer, para que nós estamos aqui, o que nós queremos do mundo? O que é que nós queremos criar, o que vamos querer legar para as gerações que vão nos suceder? A minha geração é aquela geração que tem muito a ver com a paz, que tem muito a ver com a construção de um mundo solidário. É uma geração que não quer ouvir falar em bombas atômicas por exemplo. Quer dizer, é uma geração que sabe dar valor a paz, sabe dar valor ao verde, a um

planeta que não seja devastado. É uma geração que sonha com esse mundo novo.

*Entrevista concedida ao
Jornalista Paulo Henrique Amorim,
da Rede Globo de Televisão, por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
em Nova Iorque, EUA, no dia 25 de setembro de 1990.*